



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - CAMPUS II - ALAGOINHAS/BAHIA
COLEGIADO DE LETRAS, LÍNGUA INGLESA E LITERATURAS**

THALINE SANTA ROSA DA SILVA

**A corporeidade da mulher negra
em *Imitation Of Life* e *The Woman King***

Orientador: Prof. Silvio Roberto dos S. Oliveira

Alagoinhas - BA

2025

THALINE SANTA ROSA DA SILVA

**A corporeidade da mulher negra
em *Imitation Of Life* e *The Woman King***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras com Inglês da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada.

Orientador: Prof. Silvio Roberto dos S. Oliveira

Alagoinhas BA

2025

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Eliete Santa Rosa da Silva e Eneval Santana da Silva, expresso minha mais profunda gratidão. Vocês foram e continuam sendo meu alicerce, minha força diária e a base de tudo o que sou. Cada incentivo, cada gesto de cuidado e cada palavra de apoio tornaram possível a concretização deste sonho. Este trabalho é, antes de tudo, reflexo do amor, da dedicação e da confiança que sempre depositaram em mim.

Aos meus irmãos, Gabriel Santa Rosa da Silva e Sillas Santa Rosa da Silva, agradeço pelo companheirismo, pela paciência e pelo apoio incondicional ao longo de toda a minha trajetória acadêmica. Vocês foram presença constante, mesmo nos momentos mais difíceis, tornando o caminho mais leve.

Ao meu sobrinho João Gabriel Souza Santa Rosa, minha gratidão por trazer alegria, afeto e esperança, lembrando-me diariamente do porquê é tão importante sonhar e persistir.

Aos meus amigos Otávio Cerqueira, Isabel Virginia Santos, Emanuelle Almeida e Vanessa Mascarenhas, agradeço por cada palavra de incentivo, cada escuta atenta e cada gesto de amizade que me fortaleceu nos momentos de cansaço e dúvida. Vocês foram fundamentais para que eu não desistisse.

Aos amigos que, mesmo à distância, se fizeram presentes, oferecendo apoio, compreensão e carinho, deixo meu sincero agradecimento. Ainda que longe fisicamente, vocês estiveram próximos em pensamento, oração e incentivo, ajudando-me a seguir firme na minha trajetória e a acreditar no meu sonho.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho e para minha formação acadêmica e pessoal, meu muito obrigada.

A corporeidade da mulher negra em *Imitation Of Life* e *The Woman King*

*Thaline Santa Rosa da Silva*¹

RESUMO: A presente pesquisa discute a estereotipagem da mulher negra a partir da noção de “imagens de controle”, conceito formulado por Patricia Hill Collins (2000), em diálogo com bell hooks (1992), Lélia Gonzalez (1984) e Sueli Carneiro (2003). Parte-se do pressuposto de que as mídias audiovisuais exercem um papel central na construção de significados raciais e de gênero, sobretudo na difusão e na manutenção de representações que influenciam a forma como determinados grupos sociais são percebidos e tratados. O estudo investiga de que modo as mídias audiovisuais, por meio de produções fílmicas situadas em diferentes contextos históricos, contribuem para a naturalização de estereótipos que reforçam a subalternidade, a hipersexualização e a marginalização da mulher negra. Para tanto, analisa-se a imagem de controle propagada nas obras *Imitation of Life* (1959) e *A Mulher Rei* (2022), evidenciando permanências e rupturas nas representações da mulher negra entre o cinema clássico e o contemporâneo. Trata-se de uma pesquisa de natureza bibliográfico-documental, que busca não apenas descrever tais representações, mas problematizar os mecanismos ideológicos que as sustentam. Assim, pretende-se contribuir para uma reflexão crítica acerca do papel das mídias audiovisuais na reprodução de estruturas racistas e sexistas, bem como ressaltar a urgência de narrativas que promovam a valorização, a resistência e o protagonismo das mulheres negras.

Palavras-chave: representação; mulher negra; mídias audiovisuais; *Imitation of Life*; *The Woman King*; estereótipos.

ABSTRACT: This research discusses the stereotyping of black women based on the notion of “control images,” a concept formulated by Patricia Hill Collins (2000), in dialogue with bell hooks (1992), Lélia Gonzalez (1984), and Sueli Carneiro (2003). It starts from the assumption that audiovisual media play a central role in the construction of racial and gender meanings, especially in the dissemination and maintenance of representations that influence the way certain social groups are perceived and treated. The study investigates how audiovisual media, through film productions set in different historical contexts, contribute to the naturalization of stereotypes that reinforce the subordination, hypersexualization, and marginalization of black women. To this end, it analyzes the controlling image propagated in the works *Imitation of Life* (1959) and *The Woman King* (2022), highlighting continuities and ruptures in the representations of black women between classic and contemporary cinema. This is a bibliographic-documentary research that seeks not only to describe such representations but also to problematize the ideological mechanisms that sustain them. Thus, it aims to contribute to a critical reflection on the role of audiovisual media in the reproduction of racist and

¹ Graduanda em Letras, Língua Inglesa e Literaturas, Departamento Linguísticas Literatura e Artes – DLLARTES, Campus II da Universidade do Estado da Bahia – UNEB e-mail: thalinesantarosadasilva@gmail.com

sexist structures, as well as to highlight the urgency of narratives that promote the valorization, resistance, and protagonism of black women.

Keywords: representation; black women; audiovisual media; *Imitation of Life*; *The Woman King*; stereotypes.

Introdução

A representação da mulher negra nas mídias tem sido marcada por estereótipos que a colocam em posição de subalternidade, de marginalização social e de hipersexualização. Esses enquadramentos não surgem de forma espontânea, mas estão enraizados em processos históricos de colonização, escravização e racismo estrutural que atravessam gerações e moldam o imaginário social. A mídia, como um dos principais agentes de difusão cultural, tem papel central na perpetuação ou na desconstrução dessas imagens de controle (Collins, 2019).

No cinema, tais representações ganham força, pois a linguagem audiovisual mobiliza narrativas, símbolos e emoções que influenciam a percepção social. Nesse sentido, torna-se relevante analisar como as imagens de controle sobre a mulher negra são representadas em diferentes contextos históricos, de modo a compreender permanências e rupturas. Esta investigação tem como objeto de estudo os filmes *Imitation of Life* (1959), dirigido por Douglas Sirk, e *A Mulher Rei* (2022), dirigido por Gina Prince-Bythewood. Enquanto o primeiro retrata, de forma dramática, a vida de mulheres em um contexto marcado pela segregação racial nos Estados Unidos dos anos 50, o segundo resgata uma narrativa histórica africana de resistência, centrada nas guerreiras Dahomey, apresentando uma nova perspectiva sobre força, identidade e liderança feminina negra. Ao colocar essas duas produções em diálogo, busca-se evidenciar como as representações da mulher negra se transformam, mas também como ainda carregam traços de estigmatização que persistem.

Assim, este estudo pode contribuir para compreender de que maneira as mídias participam da construção e da manutenção de estereótipos racistas e sexistas, bem como para refletir sobre os avanços e desafios na representação da mulher negra em diferentes períodos históricos. Para tanto, busca-se responder a seguinte questão de pesquisa: como as imagens de controle a partir das mídias, por meio dos filmes *Imitation of Life* (1959) e *A Mulher Rei* (2022), contribuíram para a construção e a manutenção de estereótipos que reforçam a subalternidade, a hipersexualização e a marginalização da mulher negra?

A escolha do tema justifica-se pela urgência em discutir como a mídia influencia a construção social da imagem da mulher negra. Apesar dos avanços nas lutas por igualdade racial e de gênero, ainda se observa que as produções audiovisuais frequentemente recorrem a imagens estereotipadas que reduzem a complexidade da experiência feminina negra a papéis de submissão, de erotização excessiva ou de exclusão social. O estudo de *Imitation of Life* (1959) é relevante por expor como, no contexto do cinema norte-americano de meados do século XX, a mulher negra foi frequentemente retratada de forma limitada, representando funções subalternas e invisibilizadas. Já *A Mulher Rei* (2022) representa um marco contemporâneo, pois desloca o olhar eurocêntrico e apresenta mulheres negras como protagonistas de sua própria história, desafiando os estereótipos tradicionais e oferecendo uma nova possibilidade de representação.

Ao propor a análise comparativa dessas duas obras, este trabalho pretende dar visibilidade às contradições e aos avanços na forma como a mulher negra é vista, refletida e ressignificada nas mídias. Ademais, o estudo é importante não apenas no campo acadêmico, mas também no social, pois contribui para o debate sobre identidade, representatividade e justiça racial, dialogando com as perspectivas do feminismo negro e dos estudos culturais.

Ponto de partida

A análise das representações da mulher negra nas mídias demanda um aporte teórico fundamentado em discussões sobre imagens de controle, racismo estrutural, feminismo negro e estudos culturais. Nesse campo, a contribuição de Patricia Hill Collins (2019) é central, ao desenvolver o conceito de imagens de controle como estereótipos sociais historicamente construídos que sustentam e legitimam a opressão da mulher negra. Essas imagens não se limitam a caricaturas culturais, mas funcionam como mecanismos de dominação que restringem a mobilidade social e reforçam desigualdades. Estereótipos como o da “mammy”, da “mulher hipersexualizada” ou da “mulher forte” são exemplos de construções simbólicas que buscam enquadrar a identidade da mulher negra em papéis fixos e subordinados.

A obra de Angela Davis (2016) também é essencial para compreender como as opressões de raça e gênero se entrelaçam na trajetória histórica das mulheres negras. Em *Mulheres, Raça e Classe*, a autora demonstra que as mulheres negras foram relegadas a posições de marginalidade tanto no trabalho quanto nas representações sociais, sendo vítimas de um processo de exclusão que combina racismo e sexismo. Para Davis, só é possível compreender a condição social dessas mulheres a partir da análise interseccional dessas opressões. Nesse mesmo horizonte, bell hooks (2019) contribui ao discutir em *Olhares negros: raça e representação como o olhar da mulher negra no cinema e na mídia* é atravessado por exclusões, silenciamentos e estigmas. hooks evidencia que as produções audiovisuais tradicionais, baseadas em narrativas eurocêntricas, frequentemente desumanizam corpos negros, mas, ao mesmo tempo, propõe que o reposicionamento crítico do olhar da mulher negra pode se tornar uma ferramenta de resistência e de ressignificação identitária.

Complementando esse debate, Grada Kilomba (2019) problematiza a forma como o racismo cotidiano se infiltra em práticas discursivas e representações, perpetuando violências simbólicas que moldam estereótipos midiáticos. Para a autora, a subjetividade da mulher negra é constantemente silenciada ou deformada por narrativas que a reduzem a papéis estigmatizados, reiterando as imagens de controle que estruturam o racismo. No contexto brasileiro, Sueli Carneiro (2019) e Petronilha Gonçalves e Silva (2010) reforçam a necessidade de “enegrecer o feminismo”, ou seja, de reconhecer as especificidades das experiências de mulheres negras, historicamente invisibilizadas tanto no campo acadêmico quanto no espaço social. Esse esforço teórico, ao dialogar com as produções internacionais, permite perceber que, embora cada sociedade tenha suas particularidades, as imagens de controle sobre a mulher negra guardam um núcleo comum de exclusão e estigmatização que atravessa fronteiras geográficas e temporais.

A partir dessa base teórica, a análise dos filmes *Imitation of Life* (1959) e *A Mulher Rei* (2022) se apresenta como um exercício de compreensão das permanências e transformações dessas representações. Enquanto o primeiro reflete um período em que a mulher negra era representada a partir da marginalização e da rejeição social, o segundo propõe uma ruptura ao colocar mulheres negras como protagonistas de sua própria história e de processos de resistência. Assim, o referencial teórico adotado neste trabalho possibilita compreender não apenas a reprodução de estereótipos raciais e de gênero, mas também os movimentos de contestação e ressignificação das imagens da mulher negra no cinema.

Portanto, a presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa de caráter descritivo-analítico, por compreender que a análise das representações da mulher negra no cinema exige uma investigação atenta aos significados, narrativas e construções simbólicas produzidas pelas mídias. Conforme defende Flick (2009), a pesquisa qualitativa é apropriada quando o objetivo é interpretar fenômenos sociais a partir de perspectivas culturais e discursivas, o que se mostra pertinente no estudo das imagens de controle e dos estereótipos que atravessam a figura da mulher negra. O corpus do trabalho é composto por essas duas produções cinematográficas que pertencem a períodos históricos distintos: *Imitation of Life* (1959), dirigido por Douglas Sirk, e *The Woman King* (2022), dirigido por Gina Prince-Bythewood. A escolha dessas obras justifica-se pela possibilidade de estabelecer um contraste entre a forma como a mulher negra foi representada no cinema pioneiro norte-americano, especialmente o melodramático, marcado pela segregação racial e por narrativas centradas em olhares eurocêntricos, e a maneira como é apresentada em um filme contemporâneo que resgata a história de protagonismo das guerreiras do Reino do Daomé, deslocando o eixo narrativo para a perspectiva africana.

O procedimento metodológico consistiu na realização de uma leitura fílmica interpretativa, orientada pela análise das personagens femininas negras em suas dimensões sociais, culturais e simbólicas. Serão observados elementos como os papéis atribuídos às personagens, suas relações de poder, as formas de subalternidade e marginalização, bem como possíveis traços de hipersexualização ou, ao contrário, de resistência e agência. A análise, portanto, não se limita a uma descrição superficial das narrativas, mas busca estabelecer conexões entre os discursos presentes nas obras e os conceitos desenvolvidos no referencial teórico. A interpretação dos dados se fundamentou principalmente nas contribuições de Patricia Hill Collins (2019), a partir da noção de imagens de controle, de Angela Davis (2016) e bell hooks (2019), que discutem as interseccionalidades entre raça e gênero, bem como de Grada Kilomba (2019), que problematiza as violências simbólicas do racismo cotidiano. Esse diálogo teórico permitirá compreender como os filmes analisados refletem ou contestam estereótipos que historicamente marcaram a mulher negra.

Por fim, a metodologia comparativa, adotada ao colocar em relação duas obras de épocas distintas, possibilita identificar permanências e transformações nas formas de representação da mulher negra ao longo do tempo. Essa perspectiva analítica revela tanto a persistência de estigmas e imagens de controle quanto a emergência de narrativas que

buscam ressignificar a identidade e o lugar social da mulher negra nas mídias contemporâneas.

O conceito de imagens de controle

Patricia Hill Collins (2000) introduz o conceito de “imagens de controle” para compreender como representações historicamente construídas da mulher negra foram utilizadas como mecanismos de legitimação da opressão. Entre essas imagens destacam-se a “mammy”, associada à servidão e docilidade; a “jezebel”, hipersexualizada; e a “sapphire”, marcada por agressividade. bell hooks (1992) enfatiza que a objetificação da mulher negra não se restringe à esfera visual, atravessando experiências sociais cotidianas e moldando subjetividades.

Nesse sentido, o cinema analisado por Souza (2020) demonstra que filmes podem reproduzir ou questionar tais imagens de controle, sendo instrumento pedagógico capaz de tornar visíveis os processos de construção de estereótipos. A autora argumenta que a mediação cinematográfica, quando utilizada criticamente, contribui para desnaturalizar essas representações e favorecer a educação antirracista (Souza, 2020, p. 112). O conceito de imagens de controle é uma das categorias centrais para compreender os mecanismos simbólicos que sustentam o racismo e o sexismo direcionados às mulheres negras. Para Collins (2019, p. 99), as imagens de controle são “representações ideológicas produzidas e disseminadas para justificar a opressão”, funcionando como narrativas culturalmente naturalizadas que definem e limitam a identidade da mulher negra.

Tais imagens não surgem de forma espontânea; elas são resultadas de processos históricos, políticos e sociais que remontam ao período da escravidão e que se perpetuam em diferentes contextos culturais por meio das mídias, da literatura, da publicidade e das artes. Essas imagens de controle operam em dois níveis interligados. No nível estrutural, elas legitimam políticas e práticas institucionais que marginalizam a mulher negra, seja pela precarização de sua inserção no mercado de trabalho, seja pela limitação de sua representação em espaços de poder. No nível subjetivo, elas moldam percepções individuais, produzindo efeitos psicológicos que afetam a autoestima, a identidade e as possibilidades de autorrepresentação. Esse duplo funcionamento revela o caráter abrangente das imagens de controle, que não apenas descrevem, mas também

prescrevem papéis sociais, regulando como as mulheres negras são vistas e como devem se comportar.

Collins identifica alguns estereótipos recorrentes, como a *mammy*, a mulher negra submissa, dócil e protetora das famílias brancas; a *jezebel*, a mulher negra hipersexualizada, associada à promiscuidade e ao desejo incontrolável; a *sapphire*, a mulher negra agressiva, raivosa e descontrolada; e a “mulher forte”, construída como alguém capaz de suportar qualquer sofrimento sem fragilidade. Cada uma dessas imagens cumpre uma função social específica: naturalizar a exploração do trabalho doméstico, justificar a violência sexual, criminalizar a resistência política ou desresponsabilizar o Estado em prover cuidado e proteção social. Ao limitar a representação da mulher negra a esses arquétipos, a sociedade nega a pluralidade de sua existência, restringindo-a a papéis estigmatizados. Angela Davis (2016) amplia essa discussão ao mostrar que tais estereótipos são heranças da escravidão. No contexto da diáspora africana, a mulher negra foi duplamente explorada — como mão de obra e como corpo reprodutor — e essa condição alimentou a construção de imagens que naturalizam sua desumanização. A representação da mulher negra como “forte” e “resistente”, por exemplo, deriva do imaginário escravista que a via como capaz de suportar jornadas exaustivas de trabalho, sem necessidade de descanso ou cuidado. Dessa forma, as imagens de controle não apenas se vinculam ao passado, mas continuam funcionando no presente como justificativas culturais para a manutenção da desigualdade.

bell hooks (2019), por sua vez, enfatiza que essas imagens produzem também uma pedagogia do olhar, na qual as pessoas são ensinadas, desde cedo, a enxergar a mulher negra através de lentes distorcidas. Essa pedagogia midiática normaliza estigmas e transforma estereótipos em verdades “evidentes”, impactando tanto a percepção social quanto a autopercepção. hooks chama atenção para o fato de que muitas mulheres negras acabam internalizando essas imagens, vivenciando conflitos identitários e sofrimento psíquico diante de um espelho cultural que não reconhece sua complexidade. Nesse contexto, o “olhar opositor” proposto pela autora representa uma forma de resistência, na medida em que recusa a aceitação passiva dessas narrativas e reivindica espaços para novas representações.

Grada Kilomba (2019) acrescenta que as imagens de controle funcionam como “máscaras coloniais”, isto é, símbolos que ocultam a voz e a experiência do sujeito negro, atribuindo-lhe identidades fabricadas pelo olhar colonial e racista. Essas máscaras são, ao

mesmo tempo, violentas e naturalizadas, pois circulam em espaços cotidianos — programas de televisão, propagandas, notícias, livros didáticos —, tornando-se aparentemente banais, mas carregando um profundo potencial de exclusão. Para Kilomba, a desconstrução dessas imagens exige o reconhecimento de sua historicidade e a abertura para narrativas alternativas produzidas a partir da perspectiva negra.

Portanto, as imagens de controle não devem ser compreendidas como meros estereótipos, mas como ferramentas de dominação simbólica que estruturam relações sociais. Elas atravessam o imaginário coletivo, orientam práticas institucionais e produzem subjetividades, constituindo-se como um campo central na análise das opressões interseccionais. Ao mesmo tempo, esse conceito fornece instrumentos para identificar formas de resistência cultural e política, uma vez que a contestação e a ressignificação dessas imagens são passos fundamentais na luta por justiça social e representatividade.

Representações e estereótipos: permanências e rupturas

A representação da mulher negra nas mídias audiovisuais é atravessada por um longo processo de construção simbólica que envolve poder, colonialismo e identidade. Stuart Hall (1997) explica que o estereótipo funciona como um mecanismo discursivo de fixação de significados, repetindo imagens e comportamentos até que pareçam naturais. Essa naturalização sustenta o racismo estrutural, pois transforma a diferença em marca de inferioridade. No caso das mulheres negras, essa repetição histórica produz arquétipos que as associam à subalternidade, à hipersexualidade e à marginalidade — imagens que se perpetuam tanto no cinema clássico quanto nas produções contemporâneas.

Sueli Carneiro (2003) denomina esse processo de “epidermização da inferioridade”, termo que sintetiza a internalização do racismo a partir do corpo. Para a autora, o controle simbólico da mulher negra passa pela construção de uma corporalidade socialmente vigiada, erotizada e desvalorizada. Essa concepção dialoga com as “imagens de controle” de Patricia Hill Collins (2000), que definem o corpo negro feminino como um espaço de poder e opressão simultâneos. Lélia Gonzalez (1984), ao discutir a articulação entre racismo e sexismo, evidencia que a mulher negra vive um duplo apagamento: é marginalizada por sua cor e silenciada por seu gênero, uma condição que reforça sua exclusão dos espaços de protagonismo e decisão. A partir dessa perspectiva, o cinema se

torna um campo privilegiado de observação. Souza (2020), em *Negritude, Cinema e Educação*, argumenta que as produções audiovisuais são instrumentos de disputa simbólica, capazes de reproduzir ou contestar as estruturas raciais e de gênero. Filmes como *Imitation of Life* (1959) e *The Woman King* (2022) ilustram essa ambivalência: o primeiro reproduz estereótipos de servidão e invisibilidade, enquanto o segundo propõe uma reconfiguração da imagem da mulher negra como sujeito histórico. No entanto, ambos revelam como as representações cinematográficas dialogam com os contextos sociais de sua produção, evidenciando permanências e rupturas nos modos de olhar o corpo feminino negro.

A mulher negra, portanto, enfrenta um paradoxo profundo: permanece invisibilizada nos espaços de protagonismo e, quando representada, é frequentemente hipervisibilizada por meio de estereótipos. bell hooks (1992) analisa essa contradição ao afirmar que a cultura visual transforma mulheres negras em “espetáculos do corpo”, negando-lhes subjetividade. Essa hipervisibilidade desumanizadora as reduz a imagens fetichizadas ou caricaturas sociais, reforçando o imaginário colonial que define o feminino negro como exótico, perigoso ou vulgar. Por outro lado, como observa Souza (2020, p. 78), o cinema pode operar como ferramenta de resistência, ao propor narrativas centradas na ancestralidade, na coletividade e na reconstrução da identidade afrodescendente.

Ao longo das décadas, a trajetória das representações da mulher negra revela tanto o peso das permanências quanto a potência das rupturas. *Imitation of Life* ancora-se na lógica melodramática da invisibilidade e da dor, enquanto *The Woman King* desloca essa imagem para a centralidade da força e da coletividade. Ambas, entretanto, mantêm a corporeidade feminina como eixo narrativo, confirmando o que Nilma Lino Gomes (2002) e Beatriz Nascimento identificam como o corpo negro enquanto território de memória, identidade e disputa simbólica. Assim, compreender essas representações é reconhecer que o cinema, ao mesmo tempo que reproduz desigualdades, também abre frestas para o surgimento de novos olhares — olhares que possibilitam à mulher negra reinscrever sua própria história.

Lapso temporal

A escolha das obras *Imitation of Life* (1959) e *A Mulher Rei* (2022) fundamenta-se na necessidade de compreender a construção e a transformação das

representações da mulher negra nas mídias audiovisuais a partir de um amplo recorte histórico. O lapso temporal de mais de seis décadas entre as produções não se configura como um elemento aleatório, mas como uma estratégia metodológica que permite observar permanências, deslocamentos e rupturas nas imagens de controle associadas à mulher negra no cinema.

Ao analisar uma obra situada no contexto do cinema clássico hollywoodiano e outra inserida na produção audiovisual contemporânea, torna-se possível evidenciar como determinadas representações se consolidaram historicamente e como continuam a reverberar, ainda que ressignificadas, em narrativas mais recentes. *Imitation of Life* (1959), produzido em um período marcado por fortes hierarquias raciais e pela naturalização de papéis sociais subalternos atribuídos à população negra, oferece um retrato emblemático das imagens de controle que associam a mulher negra ao sacrifício, ao cuidado e à negação de sua própria subjetividade.

Em contrapartida, *A Mulher Rei* (2022) emerge em um contexto de maior visibilidade das pautas raciais e de gênero, no qual se observa um esforço crescente por narrativas que promovam protagonismo e valorização da mulher negra. A distância temporal entre as obras possibilita analisar de que maneira o cinema contemporâneo dialoga criticamente com representações do passado, ao mesmo tempo em que revela novas tensões, como a idealização do corpo feminino negro e a construção de modelos heroicos que podem operar como formas renovadas de controle simbólico.

Desse modo, o amplo recorte temporal adotado nesta pesquisa permite não apenas identificar mudanças superficiais nas representações da mulher negra, mas compreender os mecanismos ideológicos que atravessam diferentes momentos históricos e que sustentam a produção de estereótipos. A comparação entre obras separadas por um significativo lapso temporal contribui, assim, para uma análise mais aprofundada do papel das mídias audiovisuais na reprodução e na reconfiguração de discursos racistas e sexistas, reforçando a pertinência do recorte adotado e a relevância da pesquisa para os estudos de raça, gênero e cinema.

As faces do controle: subalternidade, hipersexualização e marginalização da mulher negra

A experiência da mulher negra na sociedade brasileira e ocidental não pode ser compreendida sem considerar os dispositivos de poder que produzem sua subalternidade, hipersexualização e marginalização. Essas dimensões, embora distintas, operam de maneira interseccional (Crenshaw, 1989), constituindo faces complementares das imagens de controle discutidas por Patricia Hill Collins (2000). As representações midiáticas e culturais, longe de serem meramente simbólicas, consolidam hierarquias sociais e reafirmam a condição histórica de opressão da mulher negra, restringindo suas possibilidades de reconhecimento e de agência social.

A subalternidade é, em primeiro lugar, marcada pela negação da voz e da subjetividade da mulher negra. Spivak (2010) problematiza a questão perguntando se o subalterno pode falar, indicando como os discursos dominantes falam *sobre e pelo* sujeito subalterno, mas raramente permitem que ele fale por si. No Brasil, esse silenciamento é reforçado pelo mito da democracia racial, que, como lembra Lélia Gonzalez (1984), encobre as desigualdades estruturais e invisibiliza a opressão racial e de gênero. Ao associar a mulher negra a papéis servis, especialmente no trabalho doméstico, o imaginário social legitima sua posição subordinada, ao mesmo tempo em que nega sua presença em espaços de prestígio intelectual, político e cultural. Nesse sentido, a subalternidade da mulher negra é tanto material quanto simbólica: material, porque se expressa na precarização do trabalho e na exclusão social; simbólica, porque atua na desvalorização de sua identidade e de sua voz.

A hipersexualização constitui uma das formas mais persistentes de violência simbólica. bell hooks (1992) observa que, historicamente, o corpo da mulher negra foi racializado e erotizado, configurando-se como “outro exótico”, sempre disponível ao olhar e ao desejo do homem branco. Esse processo não é neutro: ele reforça a construção da feminilidade branca como ideal de pureza, ao mesmo tempo em que define a mulher negra como “corpo”, reduzida à esfera da sexualidade. Sueli Carneiro (2003) acrescenta que essa sexualização exacerbada naturaliza a violência, pois sustenta a crença de que a mulher negra estaria sempre predisposta ao prazer ou à sedução. Essa leitura é atravessada pela herança escravocrata, quando as mulheres negras eram simultaneamente exploradas como força de trabalho e violentadas como corpos sexualmente acessíveis. A mídia contemporânea reatualiza esses estereótipos, ao retratar personagens negras de forma hipersensualizada, perpetuando a imagem de controle da *Jezebel*, já identificada por Collins (2000).

Por sua vez, a marginalização pode ser compreendida como a exclusão da mulher negra dos espaços de poder, reconhecimento e visibilidade. Gonzalez (1988) denuncia como a mulher negra ocupa um “não-lugar” no imaginário nacional, marcada pela interdição de sua participação plena na sociedade. A marginalização é não apenas a consequência do racismo e do sexismo, mas também um mecanismo ativo de manutenção das desigualdades, operando através da invisibilidade. Essa invisibilidade é perceptível na mídia e no cinema, em que a mulher negra raramente aparece como protagonista de narrativas centrais, sendo frequentemente relegada a papéis secundários, cômicos ou estereotipados. Collins (2000) lembra que a ausência de representações positivas é, em si, uma forma de controle, pois limita as possibilidades de reconhecimento social. A marginalização, portanto, não é apenas exclusão, mas uma estratégia discursiva que reafirma quem pode ou não ser sujeito da história.

Quando analisadas em conjunto, subalternidade, hipersexualização e marginalização revelam-se como dimensões entrelaçadas da opressão interseccional. Elas funcionam como engrenagens do mesmo sistema de poder, no qual racismo e sexismo se articulam para reduzir a mulher negra a uma condição de inferioridade, silenciamento e objetificação. Como argumenta Collins (2000), essas imagens de controle são eficazes justamente porque circulam de forma naturalizada, atravessando a educação, a cultura, a mídia e a política, ao ponto de se tornarem parte do senso comum. Reconhecer e problematizar essas faces do controle é um passo fundamental para compreender como as representações midiáticas, incluindo o cinema, não apenas refletem, mas produzem e perpetuam desigualdades históricas. Dessa forma, torna-se evidente que os estereótipos de controle não apenas moldam percepções sociais, mas também estruturam práticas cotidianas que perpetuam desigualdades históricas. Reconhecer essas dinâmicas permite compreender que a representação da mulher negra nos meios de comunicação é atravessada por tensões de poder que buscam mantê-la em uma posição de inferioridade. Nesse sentido, a análise crítica dessas imagens não é apenas uma tarefa acadêmica, mas um exercício político e social indispensável à desconstrução das narrativas que legitimam a opressão racial e de gênero.

Ficha técnica, contextos de produção e questões de gênero e raça nos filmes analisados

Este capítulo tem como objetivo apresentar a ficha técnica dos filmes *Imitation of Life* (1959) e *The Woman King* (2022), bem como discutir aspectos contextuais de suas produções, destacando curiosidades relevantes e problematizando as questões de gênero e raça que atravessam cada obra. A inclusão deste capítulo justifica-se pela compreensão de que os dados técnicos e o contexto de produção não são neutros, mas dialogam diretamente com as escolhas estéticas, narrativas e políticas que estruturam as representações da mulher negra no cinema.

Ficha técnica de *Imitation of Life* (1959)

- **Título original:** *Imitation of Life*
- **Direção:** Douglas Sirk
- **Produção:** Ross Hunter
- **Roteiro:** Eleanore Griffin e Allan Scott (baseado no romance de Fannie Hurst)
- **País:** Estados Unidos
- **Ano de lançamento:** 1959
- **Gênero:** Drama / Melodrama
- **Duração:** 125 minutos
- **Estúdio / Distribuição:** Universal Pictures
- **Elenco principal:** Lana Turner (Lora Meredith), Juanita Moore (Annie Johnson), Susan Kohner (Sarah Jane Johnson), Sandra Dee (Susie Meredith), John Gavin

Curiosidades e contexto histórico

Imitation of Life é um remake do filme homônimo de 1934 e foi produzido em um contexto marcado pela segregação racial institucionalizada nos Estados Unidos. A década de 1950 antecede diretamente o auge do Movimento pelos Direitos Civis, período em que o cinema hollywoodiano ainda era fortemente regulado por códigos morais e raciais, como o Código Hays. Douglas Sirk, conhecido por seus melodramas, utilizou cores, enquadramentos e exageros emocionais para criticar, ainda que de forma velada, as desigualdades sociais e raciais da sociedade norte-americana.

Um dado relevante é que Juanita Moore, intérprete de Annie, recebeu uma indicação ao Oscar de Melhor Atriz Coadjuvante, fato raro para mulheres negras na época. Ainda

assim, sua personagem permanece limitada ao arquétipo da empregada doméstica submissa e maternal, evidenciando os limites da representação racial no cinema clássico. A narrativa do “passing”, vivida por Sarah Jane, também reflete tensões raciais profundas, revelando como a branquitude operava como capital simbólico de aceitação social.

Questões de gênero e raça no filme

No que diz respeito às questões de gênero e raça, *Imitation of Life* constrói a mulher negra a partir de imagens de controle associadas à abnegação, ao cuidado e ao sofrimento silencioso. Annie é representada como a “mãe sacrificada”, cuja existência gira em torno do bem-estar da família branca. Sua feminilidade é dessexualizada, enquanto sua maternidade é hiperexplorada como forma de legitimar sua subalternidade. A ausência de agência da personagem reforça estereótipos raciais e de gênero que naturalizam a desigualdade e a hierarquia social.

Ficha técnica de *The Woman King* (2022)

- **Título original:** *The Woman King*
- **Direção:** Gina Prince-Bythewood
- **Produção:** Viola Davis, Julius Tennon, Cathy Schulman, entre outros
- **Roteiro:** Dana Stevens
- **País:** Estados Unidos
- **Ano de lançamento:** 2022
- **Gênero:** Drama histórico / Ação
- **Duração:** 135 minutos
- **Distribuição:** Sony Pictures
- **Elenco principal:** Viola Davis (Nanisca), Thuso Mbedu (Nawi), Lashana Lynch (Izogie), Sheila Atim (Amenza)

Curiosidades e contexto de produção

The Woman King foi inspirado nas guerreiras Agojie do Reino do Daomé, grupo militar feminino que existiu entre os séculos XVII e XIX na África Ocidental. O filme foi amplamente divulgado como um marco de representatividade, tanto por seu elenco majoritariamente negro quanto por ser dirigido por uma mulher negra. Viola Davis, além de protagonizar, atuou como produtora, o que contribuiu para maior controle criativo sobre a narrativa e a construção das personagens.

A produção enfrentou debates e críticas relacionados à abordagem histórica, especialmente no que se refere à participação do Reino do Daomé no tráfico de pessoas

escravizadas. Ainda assim, o filme se insere em um movimento contemporâneo de valorização de narrativas africanas e afrocentradas, rompendo com a hegemonia de representações coloniais e eurocêntricas no cinema mainstream.

Questões de gênero e raça no filme

Diferentemente de *Imitation of Life*, *The Woman King* apresenta mulheres negras em posições de liderança, poder e agência. As personagens são construídas como sujeitos históricos ativos, cujos corpos não são apenas objetos de contemplação, mas instrumentos de luta, resistência e memória. A corporeidade feminina negra é associada à força, à coletividade e à ancestralidade, deslocando imagens tradicionais de subalternidade.

No entanto, o filme também dialoga com padrões estéticos contemporâneos, nos quais o corpo forte, disciplinado e resistente se torna um novo ideal normativo. Assim, embora haja uma ruptura significativa com estereótipos clássicos, permanecem tensões relacionadas à performance corporal e às expectativas sociais sobre a mulher negra, agora vinculadas à ideia de heroísmo e excelência física.

Considerações comparativas

A análise das fichas técnicas e dos contextos de produção evidencia que as representações da mulher negra estão diretamente relacionadas às condições históricas, políticas e industriais do cinema. Enquanto *Imitation of Life* reflete um período de forte controle racial e limitações narrativas impostas à presença negra, *The Woman King* emerge em um contexto de reivindicação por diversidade, protagonismo e justiça representacional.

Ambos os filmes, entretanto, demonstram que a representação da mulher negra permanece atravessada por disputas simbólicas. Se no cinema clássico a mulher negra é silenciada e relegada à margem, no cinema contemporâneo ela ocupa o centro da narrativa, mas ainda sob novas formas de regulação estética e simbólica. Dessa forma, este capítulo contribui para aprofundar a compreensão de como gênero e raça operam não apenas no conteúdo dos filmes, mas também em seus processos de produção e circulação cultural.

Do estereótipo à resistência: uma leitura de *Imitation of Life* (1959) e *The Woman King* (2022)

Antes de estabelecer uma comparação entre *Imitation of Life* (1959) e *The Woman King* (2022), é necessário compreender o contexto histórico e cultural em que cada produção foi concebida. Ambas traduzem, em linguagens distintas, os debates de suas épocas sobre raça, gênero e representação da mulher negra, revelando continuidades e rupturas nas formas de construção imagética do feminino no cinema. A década de 1950 foi marcada por intensas tensões sociais nos Estados Unidos, a segregação racial ainda estruturava as relações cotidianas, e o cinema refletia essas hierarquias. *Imitation of Life* surge nesse cenário, evidenciando os conflitos entre identidade racial e aceitação social. O filme retrata personagens negras inseridas em papéis de servidão ou subalternidade, o que revela tanto as limitações impostas à mulher negra na época quanto o esforço inicial de problematizar o racismo dentro de uma narrativa dramática. A estética melodramática e a ênfase no sofrimento das personagens expressam o olhar social do período, no qual o reconhecimento do sujeito negro ainda dependia da validação do olhar branco. A produção oferece uma perspectiva racialista, diferente da versão filmada em 1934 por John M. Stahl, que enfatizava a questão social.

Já *The Woman King* (2022) pertence a um contexto contemporâneo em que as discussões sobre representatividade e protagonismo negro ganharam amplitude global. A obra dirigida por Gina Prince-Bythewood apresenta mulheres negras como líderes, estrategistas e guerreiras, reposicionando-as no centro da narrativa. No entanto, ainda que o filme proponha uma ruptura simbólica com os estereótipos de submissão, ele também reproduz, em certos momentos, elementos que dialogam com os padrões estéticos modernos. Um exemplo disso é a sequência em que as guerreiras Agojie se preparam para o combate, realizando treinos intensos, disciplinados e marcados por uma preocupação visível com o corpo idealizado — forte, definido e resistente. Essa representação, embora valorize a força e a coletividade feminina, também remete ao discurso contemporâneo de autocontrole e perfeição física, como observa Novaes e Vilhena (2003), ao afirmarem que “a imagem da mulher e do feminino continua associada à da beleza, havendo cada vez menos tolerância para os desvios nos padrões estéticos socialmente estabelecidos” (p. 29). Nesse sentido, a estética corporal das guerreiras reflete tanto uma tentativa de desconstrução de fragilidades impostas à mulher negra quanto uma inserção em um

modelo de beleza que permanece regulado por normas sociais e visuais. O corpo das personagens é, simultaneamente, símbolo de poder e objeto de vigilância, o que confirma a tese de Novaes (2003) de que “para a mulher, a beleza é representada como um dever cultural. E ser bela é ser magra” (p. 91). Assim, *The Woman King* demonstra que, mesmo em uma narrativa de empoderamento, persistem traços dos ideais corporais e estéticos que moldam o imaginário feminino.

Imitation of Life

Figura 1: Sarah Jane



Fonte: *Imitation of Life*, 1959, 2:01:31.

Imitation of Life (1959), dirigido por Douglas Sirk, é um filme importante para a história do cinema hollywoodiano, que expõe de forma evidente as tensões raciais e de gênero da sociedade norte-americana da década de 1950, na era pós- Segunda Guerra Mundial. A narrativa gira em torno de Lora, uma atriz branca aspirante, e de sua empregada negra, cujas vidas se entrelaçam por meio da maternidade e da dinâmica de poder racial. A subalternidade da personagem Annie é central. Ela aparece constantemente como cuidadora e figura de apoio, cujo valor social é definido pela utilidade para os outros, especialmente para Lora. Collins (2000) argumenta que as imagens de controle reforçam a subalternidade da mulher negra ao moldar sua representação de forma a limitar agência e reconhecimento social. Annie nunca ocupa o centro da narrativa de forma independente;

suas emoções, desejos e conflitos são secundários aos da protagonista branca. Uma cena emblemática é quando Annie enfrenta o dilema de apoiar sua filha Sarah Jane, que deseja se passar por branca. Essa cena mostra a tentativa da personagem de negar sua origem racial para escapar do preconceito. Quando a professora e os colegas descobrem que ela é negra, sua reação é de desespero. Aqui, o corpo torna-se o marcador do estigma.

O gesto anteriormente descrito de Sarah Jane reflete o que Nilma Lino Gomes (2002) descreve como a “tensão entre o real e o ideal” de beleza e pertencimento, em que o corpo negro é socialmente rejeitado. Essa rejeição evidencia o processo de “torna-se negro”, como define Neusa Santos Souza (1990), em uma sociedade que valoriza a brancura. Embora Annie seja apresentada como maternal, a hipersexualização aparece de forma mais simbólica, sobretudo na figura da filha Sarah Jane. A tentativa de “passar por branca” evidencia a imposição de um padrão de beleza e moralidade que valoriza o corpo branco como ideal.

A convivência entre Lora (branca) e Annie (negra) parece harmoniosa, mas é atravessada por desigualdades de classe e raça. Annie cuida da casa e da filha de Lora, representando o “afeto servil”, uma forma simbólica de subordinação. Essa relação é ilustrativa do que hooks (1992) chama de “amor racializado”, em que a afetividade é mediada pela hierarquia. hooks (1992) observa que o corpo da mulher negra foi historicamente sexualizado e politicamente regulado e, no filme, a tensão racial reforça o desejo de apropriação de padrões de beleza e status social como forma de escapar do estigma racial. Essa dinâmica evidencia como a hipersexualização não se limita ao erotismo, mas também à regulação moral e social do corpo negro. Annie e sua filha estão constantemente à margem das relações sociais e culturais. É no funeral de Annie, a mãe devotada, que ocorre o momento de catarse emocional do filme. Sarah Jane volta arrependida e chora sobre o corpo da mãe, pedindo perdão. Essa cena pode ser lida à luz das “imagens de controle” (Collins, 2000): Annie representa o arquétipo da “mãe negra sacrificada”, associada à devoção e à abnegação. A dor e a santificação da personagem também se conectam ao que Beatriz Nascimento (1989) identifica como a “mitificação do corpo negro feminino” — uma figura que carrega o sofrimento coletivo de um povo. Collins (2000) aponta que a ausência de representações positivas contribui para a marginalização simbólica.

The Woman King

Figura 2: Nanisca (líder) e as guerreiras Agojie.



Fonte: *The Woman King*, 2022,01:22:56.

The Woman King (2022) se apresenta como uma produção contemporânea que desafia estereótipos tradicionais. Dirigido por Gina Prince-Bythewood, ambientado na década de 1820, *The Woman King* segue a história da general Nanisca (Viola Davis), líder das Agojie, uma unidade militar exclusivamente feminina do Reino de Daomé. Nanisca treina uma nova geração de guerreiras para proteger o reino contra inimigos, incluindo traficantes de escravizados europeus e forças do Império Oyo. A jovem Nawi (Thuso Mbedu) é uma das recrutas, trazendo consigo um passado de resistência e determinação. O filme representa um contraponto radical às tradições hollywoodianas de marginalização e estereotipação. Ao contrário de Annie, as personagens de *The Woman King*, como Nanisca, ocupam posições de poder e liderança. O filme desconstrói a subalternidade histórica ao mostrar mulheres negras como protagonistas de sua própria história, detentoras de agência política e militar. Collins (2000) argumenta que romper com as

imagens de controle exige narrativas que situem o sujeito negro no centro da ação. Uma cena emblemática é a reunião de guerreiras, na qual Nanisca conduz estratégias militares decisivas, evidenciando autoridade e reconhecimento coletivo.

Em *The Woman King* (2022), a representação da mulher negra articula-se a uma reflexão complexa sobre corpo, poder e identidade. O filme aborda a questão da hipersexualização de forma crítica, deslocando-a de um lugar de subordinação para um espaço de agência. As personagens femininas, embora sejam retratadas com força física e sensualidade, não são reduzidas a esse aspecto; sua corporeidade integra um campo simbólico mais amplo, que une ancestralidade, disciplina e resistência.

Sueli Carneiro (2003) observa que a hipersexualização da mulher negra historicamente legitimou práticas de violência e exclusão, convertendo o corpo feminino em um território de controle social. Em *The Woman King*, essa relação é tensionada: o corpo das guerreiras não é apresentado como objeto do olhar masculino, mas como sujeito de uma ação política e coletiva. Essa transposição, entretanto, não elimina as contradições que cercam a estética do corpo negro feminino, como indica Nilma Lino Gomes (2002), ao afirmar que o corpo e o cabelo são “símbolos de identidade”, mas também “campos de disputa entre o orgulho e o estigma”.

As cenas de treinamento e combate expressam com clareza essa ambiguidade. O corpo das Agojie é simultaneamente espaço de potência e de disciplina, de liberdade e de autocontrole. A preparação física rigorosa e os enquadramentos cinematográficos reforçam uma estética da força e da simetria, aproximando-se do ideal contemporâneo de perfeição corporal. Novaes e Vilhena (2003) destacam que “a imagem da mulher continua associada à da beleza, havendo cada vez menos tolerância para os desvios nos padrões estéticos socialmente estabelecidos” (p. 29). A luta liderada por Nanisca e Nawi mostra o corpo negro feminino em movimento, coragem e união. Aqui, a estética da força se alia à ancestralidade. Essa imagem dialoga com Beatriz Nascimento (1989), que compreende o corpo negro como “território de memória”, portador de histórias e resistências. Ao mesmo tempo, essa exaltação da força pode ser lida como a construção de uma nova forma de idealização, em que a mulher negra é vista como símbolo heroico, assim o corpo vigoroso das guerreiras, ainda que símbolo de resistência, também reflete o modo como a sociedade contemporânea impõe novas normas de performance e aparência às mulheres. A leitura dessa corporeidade pode ser aprofundada a partir da perspectiva de Beatriz Nascimento, que entende o corpo negro como “território de memória e de ancestralidade”. Nessa chave,

os corpos das guerreiras Agojie ultrapassam a mera representação física e tornam-se guardiões de uma história coletiva de resistência, quando Nawi questiona Nanisca sobre seu passado, o filme revela traumas e dores silenciadas, principalmente relacionados à maternidade e à violência. A cena desconstrói o estereótipo da mulher negra invencível, mostrando-a vulnerável. Isso se aproxima do que Nilma Lino Gomes (2002) aponta sobre a necessidade de “reumanizar o corpo negro”, entendendo-o como espaço de contradições e reconstruções. Essa dimensão simbólica insere *The Woman King* em um diálogo entre o passado e o presente: o corpo que outrora foi colonizado e objetificado torna-se o espaço onde se reinscrevem as narrativas de liberdade e pertencimento. Portanto, o filme constrói uma imagem corporal feminina que é, ao mesmo tempo, política e estética. A força das guerreiras não nega a sensualidade, e a sensualidade não anula a força — ambas coexistem em tensão, revelando a complexidade do corpo negro como signo social, histórico e identitário.

Considerações Finais

A comparação entre *Imitation of Life* (1959) e *The Woman King* (2022) revela não apenas a transformação das representações da mulher negra no cinema, mas também a permanência de estruturas simbólicas que atravessam o tempo e moldam sua percepção social. Em *Imitation of Life*, a mulher negra é enquadrada por estereótipos de subalternidade, maternidade devotada e invisibilidade, refletindo o contexto de segregação e as “imagens de controle” descritas por Patricia Hill Collins (2000). Já em *The Woman King*, observa-se uma reconfiguração dessas imagens: as personagens femininas ocupam o centro da narrativa como líderes e guerreiras, representando a resistência e o protagonismo coletivo. No entanto, como apontam Novaes e Vilhena (2003), a representação contemporânea da força feminina ainda está atravessada por padrões estéticos que associam poder à beleza e disciplina corporal, revelando novas formas de regulação do corpo. Essa ambiguidade é também ressaltada por Nilma Lino Gomes (2002), ao compreender o corpo e o cabelo como ícones identitários que expressam, simultaneamente, orgulho e estigma. Assim, tanto em 1959 quanto em 2022, o corpo da mulher negra permanece como território de disputas simbólicas — ora negado, ora exaltado —, mas sempre político. A leitura de Beatriz Nascimento contribui para ampliar esse

entendimento ao reconhecer o corpo negro como “território de memória e resistência”, capaz de inscrever no presente as marcas de uma ancestralidade que sobrevive e se transforma.

A análise comparativa evidencia que, embora *The Woman King* represente avanços na visibilidade e no protagonismo da mulher negra, ainda há permanências sutis de controle simbólico sobre seus corpos e narrativas. A diferença está na forma como essas tensões são tratadas: se em *Imitation of Life* a mulher negra é silenciada pelo olhar branco, em *The Woman King* ela fala, age e ressignifica seu lugar. Sob a ótica de uma pesquisadora negra e feminista, essa reflexão reafirma a necessidade de reconhecer a mulher negra como sujeito de história e conhecimento, destacando a importância de apoiar produções que promovam representações plurais e complexas, capazes de romper com os estereótipos e reconstruir, de forma crítica, as imagens de controle que ainda sustentam desigualdades raciais e de gênero nas mídias e na sociedade contemporânea.

Referências

CARNEIRO, Sueli. A construção do outro como não-ser: o fundamento do ser. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment. 2. ed. New York: Routledge, 2000.

COLLINS, Patricia Hill. Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the intersection of race and sex. Chicago: University of Chicago Legal Forum, 1989.

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

- FLICK, Uwe. Introdução à pesquisa qualitativa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GOMES, Nilma Lino. Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 191–216. (Texto original de 1984).
- HALL, Stuart. Representation: cultural representations and signifying practices. London: Sage; Open University, 1997.
- HOOKS, bell. Black looks: race and representation. Boston: South End Press, 1992.
- HOOKS, bell. Olhares negros: raça e representação. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.
- KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: RATTS, Alex (Org.). *Beatriz Nascimento: quilombola e intelectual*. São Paulo: Instituto Kuanza, 2021. (Textos da década de 1980).
- NOVAES, Sylvia Caiuby; VILHENA, Junia. De Cinderela a Moura Torta: sobre a relação mulher, beleza e feiúra. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.
- SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Educação das relações étnico-raciais: reflexões e práticas. Brasília: MEC/SECADI, 2010.
- SOUZA, Ana Paula dos Santos de. Negritude, cinema e educação: imagens, corpos e resistências. Salvador: EDUFBA, 2020.
- SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida et al. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- IMITATION OF LIFE. Direção: Douglas Sirk. Produção: Ross Hunter. Estados Unidos: Universal Pictures, 1959. Filme (125 min), color.
- THE WOMAN KING. Direção: Gina Prince-Bythewood. Produção: Cathy Schulman; Viola Davis; Julius Tennon et al. Estados Unidos: Sony Pictures, 2022. Filme (135 min), color.


THALINE SANTA ROSA DA SILVA

A corporeidade da mulher negra em *Imitation of Life* e *The Woman King*


Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de Letras, Língua Inglesa e Literaturas, *Campus II*. Da Universidade do Estado da Bahia, como requisito a obtenção do grau de licenciada.

Alagoinhas BA, 03 de dezembro de 2025.


BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 SILVIO ROBERTO DOS SANTOS OLIVEIRA
Data: 06/12/2025 12:20:39-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Sílvio Roberto dos S. Oliveira
Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Documento assinado digitalmente
 ELISABETE DA SILVA BARBOSA
Data: 09/12/2025 05:58:21-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. Elisabete da Silva Barbosa
Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Documento assinado digitalmente
 JESSICA CARNEIRO DA SILVA
Data: 06/12/2025 13:55:26-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. Jéssica Carneiro da Silva
Universidade do Estado da Bahia - UNEB